

# **A arte de contar histórias: um enfoque Psicopedagógico**

## **The art of telling stories: an education Psychological approach**

Fernanda do Val Silveira\*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

### **RESUMO**

O presente artigo traz reflexões sobre o valor do uso de histórias e da produção artística no trabalho psicopedagógico. Relata, de forma sintética, fragmentos de um atendimento psicopedagógico realizado durante um ano e meio com uma menina de 12 anos com dificuldades de leitura e escrita e baixa autoestima. Com base em considerações teóricas sobre os contos de fadas e sobre os estilos cognitivo-afetivos propostos por Eloisa Fagali, foram analisadas diferentes atividades, contos de fadas e outras narrativas e a simbologia presente em alguns contos que foram selecionados da experiência clínica psicopedagógica que apresento no artigo.

**Palavras-chave:** Psicopedagogia, Aprendizagem, Estilos cognitivo-afetivos, Arte de contar histórias, Recursos não-verbais.

### **Abstract**

This article brings reflections about the value of using stories and artistic production in work of Psycho Education. Reports, synthetically, fragments of a care Psycho Education held during a year and a half with a 12 year old girl with difficulty reading and writing and low self-esteem. Based on theoretical considerations about fairy tales and about the styles proposed by cognitive-affective Eloisa Fagali, different activities were analyzed, fairy tales and other narratives and symbology present in some tales that were selected from the Psycho Education clinical experience that present in the article.

**Keywords:** Psycho education, Cognitive-affective styles, Art of storytelling, Features non-verbal

### **Introdução**

Este artigo traz uma síntese do trabalho monográfico realizado na conclusão do curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia na PUC-SP, em 2010, em que foi analisada a utilização de contos de fadas no atendimento psicopedagógico de uma menina de 12 anos. Este atendimento teve um ano e

---

\* Pedagoga e Psicopedagoga. E-mail: fifasilveira@terra.com.br

meio de duração (de agosto de 2008 a dezembro de 2009). Foi realizado inicialmente como parte da formação em Psicopedagogia, na disciplina Diagnóstico Psicopedagógico, em uma instituição pública onde as crianças permanecem no horário contrário à aula. Durante o ano de 2009, o atendimento prosseguiu sob a supervisão da Profa. Dra. Eloísa Quadros Fagali.

Na monografia foram desenvolvidas pesquisas teóricas e reflexões sobre a importância e as influências positivas na aprendizagem de contar, criar, ler e escrever histórias, principalmente contos infantis. Relato as experiências vividas durante o atendimento, destacando os sentidos dos símbolos presentes em alguns contos utilizados, refletindo, com base nas teorias psicanalíticas e analíticas, sobre as associações entre os símbolos presentes nos contos e conteúdos expressos pela cliente.

O tema surgiu do interesse pessoal em contos infantis desde criança, como ouvinte, até adulta, nas minhas práticas educativas e, posteriormente, na atuação psicopedagógica.

Busquei, na formação para a docência, aprofundar meus estudos sobre a complexidade e diversidade dos problemas relacionados à alfabetização. No curso de formação em Psicopedagogia, aprofundei-me na investigação dos problemas de aprendizagem e me dei conta da importância e da força dos contos no desenvolvimento psíquico da criança, tanto no aspecto cognitivo como afetivo. Parece-me que algumas crianças não conseguem ler, apesar de gostarem de histórias, seja por alguma dificuldade de interpretação, de concentração ou de imersão no mundo letrado. No curso de Psicopedagogia, encantei-me com a possibilidade de despertar o interesse e estimular o desenvolvimento da linguagem e a melhoria da autoestima dos aprendizes, utilizando recursos da criatividade e das expressões artísticas.

A descoberta sobre o poder do ouvir, contar e criar histórias, acompanhadas de expressões em desenhos e associações verbais, que emergem do diálogo entre alunos e professores, ou entre clientes e terapeutas

psicopedagogos, trouxe reflexões sobre as intervenções que podem ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem a superá-las.

A prática clínica psicopedagógica, realizada durante o estágio, foi marcada pela arte de contar história acompanhada pelas expressões por meio de desenhos, pinturas e modelagens em massinha e argila. As projeções sobre as personagens das histórias possibilitavam a representação dos conflitos e sentimentos. O aprofundamento, através do diálogo, sobre os possíveis sentidos dos símbolos não-verbais expressos e das projeções realizadas sobre as personagens das histórias contribuíram para despertar o interesse pela leitura e para a superação das dificuldades na alfabetização.

## **Bases Teóricas**

O processo terapêutico psicopedagógico teve como base os estudos de Franz (1981), Eliade (1996), Bonaventura (1992), Chevalier (2003), Rudolf Steiner (2002), Bettelheim (2007), Perrault (2000), Campbell (1990) e Paz (1989), sobre o simbólico nos contos de fadas, e de Fagali (2000; 2007; 2008) sobre aprendizagem e estilos cognitivo-afetivos, que por sua vez fundamentam-se na abordagem junguiana e nas construções e pesquisas psicopedagógicas realizadas pela autora.

Jung (1987) destaca o valor das artes como expressão do inconsciente, possibilitando a ampliação da consciência humana. Jaffé (1987), sob a ótica da teoria de Jung, discute a importância do simbolismo das artes plásticas, dando especial relevância à facilitação do contato do homem com seus conflitos, possibilitada pelas artes, com especial destaque à literatura:

*O artista consegue expressar muitas coisas inconscientemente e sem despertar hostilidade, que quando formulados por um psicólogo provocam ressentimentos, fato que pode ser melhor ainda exemplificada na literatura do que nas artes plásticas. (JAFFE, 1987, p. 270)*

Compartilho desta ideia, colocando em destaque a força expressiva da literatura associada aos contos infantis.

Considerando a dinâmica da personalidade e suas singularidades em relação à captação da realidade interna e externa e à simbolização, Jung (1987) considera duas atitudes: introvertida, com movimento introspectivo, em direção ao mundo interior, e extrovertida, com movimento para o exterior, em busca do contato com o objeto. Estas atitudes estabelecem uma composição com quatro funções: sensação, pensamento, sentimento e intuição:

*A sensação (isto é, a percepção sensorial) nos diz que alguma coisa existe; o pensamento mostra-nos o que é esta coisa; o sentimento revela se ela é agradável ou não e a intuição dir-nos-á de onde vem e para onde vai. (JUNG, 1987, p.61)*

Destas funções, duas são consideradas como racionais (sentimento e pensamento) e duas como irracionais (percepção e intuição):

*As **funções racionais** não significam apenas a lógica-racional, mas a capacidade de julgar, avaliar e interpretar, colocando em jogo a subjetividade. Podemos buscar esta avaliação sob dois ângulos: no ângulo dos valores, da subjetividade, do comportamento ético; e no ângulo das relações de causa e efeito e das generalidades, da lógica, distanciando-se do pessoal e do particular. A primeira modalidade de racionalidade, para Jung, diz respeito à função sentimento, e a segunda, à função lógica. (...) As **funções irracionais** referem-se a dois tipos de percepção, a sensorial e a intuitiva. São irracionais porque estão associadas à capacidade de captação da realidade, sem se preocupar com o julgamento e a interpretação. (FAGALI, 2000, p. 3-5)*

Fagali (2000, 2007, 2008), em uma perspectiva mais fenomenológica que se afasta das classificações e tipologias, baseou-se na teoria de Jung para propor e diferenciar os “estilos cognitivos e afetivos”, que caracterizam as facilidades e dificuldades de cada uma destes modos de ser e de aprender. Pesquisou as tendências cognitivas e afetivas do aprendiz, observando as suas atitudes e funções predominantes, diferenciando as suas singularidades em relação às formas de captar, conhecer, comunicar e expressar conhecimento e emoções.

Tendo em vista que a cliente, foco do presente estudo, trazia fortes indícios de uma predominância da função sentimento, complementada pela intuição, é importante entendermos melhor estas duas funções.

A função sentimento está relacionada com uma ênfase na avaliação subjetiva, pela forma como os acontecimentos atingem a pessoa, como ela lida

pessoalmente com eles, com as emoções que despertam. Pela função sentimento, organizamos nossas vivências pela ótica da subjetividade. Jung (1987) ressalta que:

*(...) quando uso a palavra 'sentimento', em oposição ao 'pensamento', refiro-me a uma apreciação, a um julgamento de valores - por exemplo, agradável e desagradável, bom ou mau, etc.. O sentimento de acordo com esta definição não é uma emoção. O sentir, na significação que dou a palavra (como pensar), é uma função racional (isto é, organizadora), enquanto a intuição é uma função irracional (...). (JUNG,1987, p.61)*

Pela função intuição, captamos elementos que não estão sensorialmente expressos na realidade, que ultrapassam o concreto. A intuição, fundamental para o processo de simbolização, ocupa um espaço significativo nas elaborações da imaginação, no contato e nas expressões metafóricas das artes, ou seja, na simbolização criativa.

No processo de intervenção psicopedagógica clínica com a cliente foram utilizados, como recursos mediadores da aprendizagem, narrativas e contos de fadas dos Irmãos Grimm (2000), entre outros. A escuta e leitura dos contos, bem como a criação de novos finais para as histórias, eram acompanhadas de expressões plásticas e cromáticas, com associações verbais a partir das produções artísticas. O trabalho clínico psicopedagógico desenvolveu-se com o propósito de aprimorar a alfabetização e estimular o autoconhecimento e a autoestima da cliente. Foram selecionadas, para apresentação neste artigo, as experiências de aprendizagem que considerei como as mais significativas para o tema aqui desenvolvido.

### **Relato do caso clínico**

O atendimento clínico psicopedagógico foi desenvolvido com Thais (nome fictício), uma pré-adolescente de 12 anos, do sexo feminino, que cursava a quarta série do Ensino Fundamental.

Durante os primeiros seis meses de atendimento, foi realizado o Diagnóstico Psicopedagógico, em que foram utilizados os seguintes recursos:

entrevista inicial e de anamnese com a mãe, Hora do Jogo, Jogo do Rabisco, Desenho do Par Educativo, Família Cinética, Desenho História, Provas Operatórias piagetianas, atividades de avaliação nas áreas de Matemática e Português e o instrumento “Papel de Carta”. No final, foram realizadas devolutivas com a mãe e com Thaís.

Além das questões em linguagem escrita, foram detectados conflitos emocionais e baixa autoestima. As hipóteses que mobilizaram as intervenções psicopedagógicas foram as seguintes:

A primeira baseia-se na suposição de que há muitos casos de crianças que são alfabetizadas, gostam de histórias, mas têm dificuldades em se envolver com uma leitura mais demorada, aparentando preguiça e falta de interesse. Essa situação, muitas vezes, acaba trazendo diversas dificuldades para o indivíduo, uma vez que grande parte de nossos meios de comunicação se utilizam de recursos escritos.

A segunda diz respeito ao fato de que muitas das dificuldades de linguagem podem sofrer influência da baixa autoestima e da pouca estimulação para comunicações criativas, que não sejam apenas as tarefas escolares de construção de textos.

Finalmente, a terceira está ligada às construções teóricas que apontam os contos de fadas como ferramentas para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, bem como para o autoconhecimento, compreensão, elaboração e superação de conflitos internos por meio de um instrumento mediador e lúdico.

Dando continuidade, no acompanhamento clínico psicopedagógico foram utilizados recursos de expressão artística, tanto literários (contos) como plásticos (desenhos, pinturas e modelagem). Foi ficando cada vez mais claro o quanto Thaís, além dos problemas de linguagem, apresentava baixa autoestima: havia um medo em se arriscar, em realizar tarefas sem um modelo, sem a aprovação, buscando um perfeccionismo, dizendo sempre que sua produção estava feia, que não queria que ninguém visse, etc..

Parecia-me que Thais era uma criança em busca do olhar e suporte materno. Suas dificuldades se potencializavam pela baixa autoestima com relação à sua capacidade cognitiva: em seus relatos, acreditava ser “burra” e limitada por não saber ler.

Desde os primeiros encontros, realizados durante o Diagnóstico Psicopedagógico, a receptividade e as expressões de Thais nos desenhos indicavam uma busca de afeto e de reconhecimento. Não demonstrava dificuldade em se vincular comigo, apresentando uma transferência materna positiva na relação cliente-terapeuta (WINNICOTT, 2007). Ela revelava em seus gestos muita suavidade e vontade de aprender.

Na aprendizagem e construção do conhecimento, Thais demonstrava uma atitude introvertida, uma tendência a se recolher e a manter contato com o mundo interno, gerando um afastamento das mobilizações e exigências externas. Nas suas motivações para aprender interessava-se por recursos e tarefas que envolvessem o imaginário, possibilitando a representação de seus sentimentos.

Por estes traços, construí, com minha supervisora, a hipótese de que Thais tendia a mostrar-se diante do outro com um estilo empático, utilizando muito a função sentimento.

Por esse motivo, nos atendimentos procurei trabalhar com os contos de fadas, priorizando inicialmente a leitura e a compreensão da narrativa. Em seguida, utilizávamos de expressões artísticas para que ela pudesse expressar melhor o sentido que a leitura despertava em si mesma.

Posteriormente, e gradativamente, passamos a explorar a leitura e escrita das palavras. No início, apresentava uma leitura silábica com valor sonoro (FERREIRO, 2001). Durante o processo, Thais foi evoluindo em suas hipóteses de escrita, chegando à hipótese alfabética.

Entretanto, não conseguia ler uma frase, parecia ter muita vergonha, talvez em função da sua atitude introvertida, falando tão baixinho que muitas vezes eu não conseguia ouvi-la. Porém, eu continuava pedindo para que lesse,

mesmo percebendo sua dificuldade, pois ela dizia que seu maior sonho era aprender a ler.

Desde o Diagnóstico Psicopedagógico, foram aplicados jogos e atividades utilizando a “caixa lúdica”, onde havia materiais pedagógicos, livros, jogos pedagógicos, jogos de regras (Pega Varetas, Can Can, Dominó, entre outros) e materiais diversos para atividades artísticas: vários tipos de papel, massinha, lápis e canetas variadas, tintas e pincéis, etc..

Não detalharei as avaliações e procedimentos do diagnóstico por não ser este o enfoque deste artigo. Entretanto, apresentarei brevemente dois instrumentos que me parecem significativos destacar, pois envolvem aspectos da relação entre o cliente e o terapeuta, mediado pela inter-relação entre linguagem verbal e não-verbal.

Na atividade do desenho da família cinética há a representação, por parte da criança, de uma família que esteja fazendo alguma coisa, seguida por algumas perguntas para análise do desenho. Esta atividade foi significativa para avaliar a percepção de Thaís sobre si mesma, seus pais e os desejos dentro da dinâmica familiar.

O “Jogo do Rabisco” (WINNICOTT, 2007) propõe processos criativos no diálogo entre não-verbal e verbal, que revelam aspectos cognitivos e afetivos importantes. O jogo consiste em uma série de expressões livres, em que terapeuta e cliente completam traçados ou desenhos de forma espontânea. Um dos participantes começa fazendo um rabisco em uma folha e o outro continua configurando algo e assim prosseguem alternadamente até esgotarem a produção, segundo o desejo do cliente e o tempo limite.

Thais demonstrou grande interesse em realizar esta atividade, mostrando-se bastante envolvida e cuidadosa nas configurações, buscando a perfeição e precisão no que completava com receio de possíveis erros. Ela parecia nunca estar satisfeita, usando a borracha várias vezes e fazendo caretas quando não gostava do que tinha feito.



Por esta atividade e outras que se seguiram, ficava evidente que uma das características de Thais era a crítica negativa sobre si mesma e sua autoexigência, que poderiam ser explicadas pelas comparações e cobranças realizadas na família.

Além disso, no estilo cognitivo-afetivo com predominância da função sentimento, há a dominância de características subjetivas com excesso de autoanálise em relação aos valores éticos e estéticos.

Sempre que tinha que dar uma opinião, mostrava-se insegura, com medo de arriscar e cometer erros. Ao solicitar que escolhesse dois desenhos, dos doze que havíamos feito, optou pelos meus. Perguntei o porquê dessa escolha e Thais respondeu, bem baixinho, que era destes que tinha gostado.

Pedi que pintasse um dos desenhos selecionados, orientei-a para que ficasse à vontade para expressar qualquer coisa que quisesse e sugeri que inventasse uma história para uma das pinturas. Aceitou prontamente com entusiasmo a proposta e expressou, plasticamente e verbalmente, conforme apresento a seguir:



*“A menina que se perdeu”*

*“Uma menina estava na praia foi nadar e se afogou. Quando ela acordou tava numa ilha. Passaram (sic) um mês e ela encontrou uma caverna. Ela passava o dia inteiro na caverna, só ficava deitada esperando. Dentro da caverna ela ouviu um rugido e ela foi ver o que era e era um leão. O leão disse pra ela que era pra ela ir lá na praia. Ela foi e encontrou*

*uma mala de roupa. Daí o leão disse pra ela que também ia encontrar um barco e ela foi pra casa dela.”*

Na análise da sua história, levantamos hipóteses sobre o que Thais expressou, que foram confirmadas no decorrer do processo: Thais tinha seus medos e esperava ajuda. Colocava-se, segundo nossas interpretações, presa na caverna, ou em um universo escuro, não havia a clareza da luz, do saber. Parecia haver forças inconscientes, sugeridas pelo símbolo da caverna, que a mantinham presa a aspectos relacionados ao afeto, que de fato foram constatados no desenvolvimento do processo. Ao mesmo tempo, citou o leão, um animal forte, que a salvaria e possibilitaria sua saída da caverna e a volta para casa, talvez um lugar seguro para ela.

Tanto na história quanto nos desenhos, apareceram vários símbolos que, através de conversas e outras expressões figurativas, possibilitavam revelações e conscientizações das suas dificuldades e capacidades, num diálogo progressivo e constante entre ela e eu. Do ponto de vista psicanalítico, esse processo de simbolização se dá quando a criança vai deslocando o desejo para novos objetos e pessoas, criando novas condições afetivas e outras representações mais abstratas. (FAGALI, 2008)

Durante o Diagnóstico Psicopedagógico, realizado no segundo semestre de 2008, Thaís progrediu muito, com o tempo foi se soltando e ficando bem à vontade na minha presença. O trabalho com os contos já permeavam o processo: todo início de sessão líamos uma história. No começo, revezávamos as frases e depois passávamos para a leitura de páginas inteiras, até acompanhar a leitura de um livro inteiro.

No início de 2009, decidi continuar com os atendimentos, mesmo com o fim do estágio na disciplina de Diagnóstico. A orientação da minha nova supervisora foi que não só ouvisse e contasse histórias, mas que era necessária a escrita e o aprofundamento da compreensão do que líamos e escrevíamos.

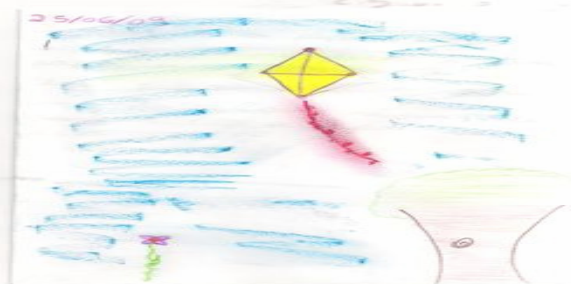
Escolhi alguns livros com contos não muito grandes para que ela mudasse o final, pois assim poderia analisar sua capacidade de interpretação e entendimento geral. Um dos livros usados foi o conto *A pipa e a flor*, de Rubem Alves (2006), segundo conclusões conjuntas entre eu e a supervisora sobre a seleção dos temas necessários para o momento. No livro, o autor sugere três finais para a história, porém eu não revelei esses finais e pedi para que ela escrevesse um final construído por ela.

Thais escreveu:

A flor e a pipa então  
a pipa resolve leva a flor  
papa um passeio e a  
flor pediu desculpa porque  
eu estava com siume de  
você então a pipa se  
desculpou.

*“A flor e a pipa então a pipa resolve leva a flor papa um passeio e a flor pediu desculpa porque eu estava com siume de você então a pipa se desculpou.”*

Depois, pedi que fizesse um desenho simbolizando o que mais tinha gostado na história.



A criança, com estilo cognitivo “empático-sentimento”, traz em seus desenhos muitas das relações afetivas negativas ou positivas dos personagens. São detalhistas, sempre tendo uma história para contar e percebemos que essas histórias são suas próprias projeções. Representam muito do simbólico com cores múltiplas. (FAGALI, 2000.)

No desenho que fez se baseando na história, Thais deixou a pipa livre, o que simboliza a liberação da imaginação associada à intuição, um voo de libertação. Por sua vez, a flor, que segundo suas características no conto se associa ao estilo sentimento complementado com o sensorial perceptivo introvertido, apresenta características associadas à dependência das relações afetivas e com a necessidade do contato presencial. Como flor se mostrava pequenina e presa na terra concreta, ao olhar ao longe o azul do céu e do vento e para a pipa intuitiva, voava com sua grande capacidade imaginativa, explorando as diferenças de mundo através dos deslocamentos no ar. Thais gosta muito de desenhar flores, o que simboliza os sentimentos e sua necessidade de contato concreto e presencial.

Thais gostava muito de desenhar durante as sessões, mas relutava e reclamava quando solicitada a escrever. Sendo bastante exigente e não tendo certeza de estar escrevendo corretamente, ela sempre parava e perguntava como se escrevia determinadas palavras. Sempre que isso acontecia, eu conversava com ela mostrando que quando estamos aprendendo é normal trocarmos letras e que só errando ela poderia aprender.

Montamos uma pasta com todos os trabalhos que ela realizou nas sessões. Solicitava toda semana para ver a pasta e em uma das vezes me perguntou se eu mostraria para alguém. Aproveitei esse momento para explicar que tudo aquilo que ela tinha criado era só nosso e que nunca mostraria para outra pessoa sem sua autorização. Demonstrou, na sua fisionomia, um sorriso e certa tranquilidade, relatando que não gostaria que uma das professoras da instituição, onde realizávamos os atendimentos, visse suas expressões criativas. Ainda era difícil para ela revelar as suas expressões mais íntimas a quem não gostava ou tinha medo.

Para o diálogo com as emoções, trabalhei com ela livros que falam sobre sentimentos e emoções como *Estou com medo* de Joy Berry (2000), em que o autor descreve as sensações e reações de uma pessoa medrosa. Quando acabamos esta leitura, pedi para Thais que falasse sobre seus medos e depois desenhasse um símbolo que os representassem.

Thais ficou em dúvida e como sempre pediu dicas de como fazer. Pedi para que ela pensasse no “sentir medo”, o que ela sentia e quando sentia. Ela olhou para mim e disse que não sente medo de nada, depois pegou o papel e começou a escrever sobre uma experiência de medo que disse ter lembrado: a história era sobre os monstros do Playcenter. Acredito que, talvez, aquele não fosse o momento de falar dos seus medos mais íntimos. Expressou, assim, um medo concreto, físico, que não permitiram fazer associações subjetivas e existenciais sobre seus medos. Eram necessários ainda muitos contatos e expressões para aprofundar as questões sobre o medo. Busquei esta possibilidade por meio dos contos e das projeções que poderiam ocorrer nas narrativas e nas identificações com as personagens.

Em outra sessão, li o livro *Cinderela*, que tinha sido escolhido por ela. Há algumas sessões já não precisávamos ficar apenas treinando a leitura e estávamos fazendo atividades mais complexas, que avaliavam e desenvolviam interpretação e reescrita. Essas atividades tinham objetivos psicopedagógicos que lhe ajudariam a trabalhar e lidar com seus conflitos internos, que refletiriam positivamente em sua aprendizagem. Após a leitura, pedi que fizesse um desenho do que mais tinha lhe chamado a atenção na história e que escrevesse sobre a parte de que mais gostara e a de que menos tinha gostado.

Notei que Thais entrava no conto com facilidade e já colocava algo dela que representasse suas fantasias, desejos e sonhos, pois a criança função sentimento tende a fazer projeções de suas emoções e conflitos, mesmo com tendência a movimentos mais introvertidos, com pouca comunicação para o externo.



Eu gostei na história da  
sapatinho de cristal!!!

Eu também gostei do castelo  
do rei Beijo e a rainha!!!

Eu não gostei de nada!!! mas a  
madrinha e as filhas dela são  
feias e maudosas!!!

Saudade

A palavra saudade, expressa por Thais no final da sua história, foi escrita diante do pedido que sempre fazia ao final da sessão: escrever uma palavra para representar aquele momento ou algum sentimento. Perguntei sobre o porquê da palavra saudade, mas ela não explicou, apenas mexeu os ombros. Havia sempre algo não revelado, apesar das expressões dos seus sentimentos ocorrerem gradativamente. Existia nesse momento um vínculo forte entre nós duas. Pensei que Thais talvez sentisse, no encerramento da sessão, certa nostalgia, que poderia ser associada à “saudade”. Com relação à

Cinderela, a saudade pode se referir a falta da mãe substituída por outra, a madrasta, que não dava a função materna necessária.

No caso analisado pode se associar a falta de uma mãe que trabalha muito e não está presente na maior parte dos dias. Thais coloca uma leveza no desenho, lembrando asas, acompanhada de coisas suas quebradiças, como o sapato de cristal, que simboliza o lado feminino, características da “Cinderela” da história. Podemos pensar em uma constituição ainda frágil da identidade de Thaís, que se submete ou se esconde na sua introversão, por medo da perda do amor ou da destruição do seu ser.

Thais, como Cinderela, necessitava experimentar sua força e capacidade de enfrentar os medos. Estava escondida na condição de baixa autoestima, a espera do beijo do príncipe, representado como o outro que a valoriza e possibilita cuidados amorosos para reconhecer seu poder, sua luz e beleza.

A melhora na leitura das histórias no decorrer do processo foi altamente significativa, acarretando em um maior desempenho na leitura e na escrita, fato que gerou satisfação em Thais e elevou a sua autoestima. Já no final das intervenções psicopedagógicas, depois de um ano de trabalho, ela demonstrava uma leitura fluente, porém, mantinha algumas atitudes emocionais que necessitam de aprofundamento no trabalho. Fixava-se no movimento introvertido, com dificuldade na extroversão necessária para a relação com o outro. Seu gosto por histórias aumentou, gerando facilidade para manter a relação comigo. Quando eu propunha uma atividade diferente ela me cobrava a leitura dos contos, denotando um hábito saudável de ler histórias.

### **Considerações sobre os Significados Simbólicos**

A busca pela interpretação dos sentidos das personagens das histórias que eu e Thais lemos, ouvimos e escrevemos, mobilizou-me a aprofundar minhas pesquisas teóricas sobre os sentidos e significados destes símbolos, já que os contos de fada foram fundamentais para a realização desse trabalho

psicopedagógico que desenvolvi com Thais.

Muitos contos foram trabalhados, como: *A Pequena Sereia*; *A Bela Adormecida*; *A Bela e a Fera*; *Branca de Neve e os Sete Anões*; *Chapeuzinho Vermelho*; *João e Maria*; *A Princesa e a Ervilha*; *Os Três Porquinhos*; entre outros. Porém, como o foco inicial do trabalho era aprender a ler, usávamos as histórias para que a atividade fosse prazerosa e estimulante.

Não me aprofundarei em todos os contos, levando em conta as questões simbólicas e emocionais, pois muitas destas leituras foram feitas para praticar o ato de ler. Escolhi o aprofundamento sobre as análises simbólicas do conto *Cinderela*, pois foi eleito por Thais como o que “mais gostava”.

Segundo Bettelheim (2007), *Cinderela* é o conto de fadas mais conhecido e provavelmente também o mais apreciado. O autor esclarece que *Cinderela*, tal como a conhecemos, é vivenciada como uma história que diz respeito às agonias e esperanças que formam o conteúdo essencial da rivalidade fraterna, bem como trata da vitória da heroína degradada sobre as irmãs que a maltrataram (BETTELHEIM, 2007). Neste aspecto, Thais se projetava como tal, pois se sentia preterida pela mãe em relação às duas irmãs e, assim como Cinderela, era ela quem faz todo serviço de casa, cuidando da limpeza e também das irmãs.

O conto de fadas substitui as relações entre irmãos por relações entre meio-irmãos adotivos, talvez um expediente para explicar e tornar aceitável uma animosidade que gostaríamos que não existisse entre irmãos verdadeiros. Nenhum outro conto de fadas transmite tão bem quanto a história de Cinderela as experiências interiores da criança pequena às voltas com a rivalidade fraterna, quando ela se sente desesperadamente sobrepujada por seus irmãos e irmãs.

Quando uma história corresponde ao modo como uma criança se sente intimamente, o que provavelmente não ocorre com nenhuma narrativa realista, a história alcança uma qualidade emocional de “verdade” para a criança. Os acontecimentos de *Cinderela* lhe oferecem imagens vívidas que dão corpo às



suas emoções intensas, mas frequentemente vagas e indescritíveis. Assim, esses episódios lhe pareciam mais convincentes do que suas experiências de vida.

Em busca de outra personagem com características parecidas com as de Cinderela, apesar de algumas diferenciações, quero destacar a Bela Adormecida. Moreno (2002) analisa alguns desenhos feitos por um grupo de adolescentes a partir da história. Comenta que os desenhos se prestam às expressões simbólicas da psique do indivíduo e, através deles, as pessoas transmitem coisas que talvez nunca pudessem expressar verbalmente, mesmo que estivessem internamente conscientes desses sentimentos, desses conteúdos.

O que diferencia esta personagem de Cinderela é a condição de se manter inconsciente, adormecida frente à realidade, como se pudesse permanecer na condição de criança. Thais sempre demonstrou uma tendência instintiva associada ao desejo de ficar como criança e isso aparece em seus desenhos, com seus símbolos que não apontam para sua sexualidade, provavelmente ainda adormecida nessa fase de pré-adolescência. Percebo os avanços que Thais teve em relação a se perceber e identificar suas qualidades e capacidades, por meio das conquistas da leitura, da escrita e das expressões de suas emoções.

A *Bela Adormecida* despertou em Thaís o desenvolvimento de sua linguagem e o reconhecimento de sua criação e autoria. Fica o desafio da menina, que já está se constituindo como mulher, sair das condições de Cinderela, necessitando se reconhecer enquanto pessoa com suas características femininas.

No último encontro, de 2009, conversei com Thais e perguntei se ela continuaria na mesma instituição em 2010, pois geralmente as crianças só ficam lá até 12 anos. Ela disse que não sabia e perguntou se eu iria continuar a atendê-la. Indaguei se ela achava necessário que continuássemos com nossos encontros e lhe entreguei um papel em branco, pedindo que escrevesse uma

lista com tudo que havia aprendido e melhorado, e com o que pretendia para o próximo ano.

Thais escreveu:

*“As leituras, as escritas e acho que melhorei em tudo.”*

Também acrescentou oralmente que não sabia se precisava continuar com os encontros, mas que ela gostava das atividades.

Percebi, com satisfação, que ela estava feliz e com a autoestima muito em alta. Pedi que fizesse um desenho para colocarmos na capa da sua pasta de atividades. Ela desenhou um vaso com muitas flores e enfeitou com estrelas ao redor do vaso. Senti que era uma despedida, mas falei que em 2010 eu telefonaria para saber como ela estava e veríamos se seria necessário continuarmos com os atendimentos.

Muitos aspectos ainda deveriam ser trabalhados e aprofundados, como sua insegurança e o medo de opinar ou de ter iniciativa. Acredito que o processo foi muito significativo e que ela mudou muito. A queixa inicial das dificuldades de leitura e escrita foi superada e por isso o trabalho poderia ser concluído. Os contos mexeram muito com ela, mas esta poderia ser uma nova fase, com um novo olhar que focasse a localização das questões de autoconhecimento e desenvolvimento do aspecto afetivo. Para as propostas relativas à leitura e escrita, a alta que ela “se deu” corresponde ao real da sua conquista, segundo minha percepção.

## **Considerações Finais**

Algumas das indagações orientadoras que atravessaram todo o processo de reflexão, com base na investigação teórica e prática, foram as seguintes: *Por que contar histórias? Que histórias contar? Como lidar psicopedagogicamente com leituras que não gerem resistência aos sujeitos que apresentam dificuldade de ler? Como contar histórias, levando em consideração os estilos cognitivos e afetivos associados à capacidade e atitude imaginativa do aprendiz? Como avaliar os efeitos dos contos a partir de uma*

*prática psicopedagógica? Como ampliar os recursos criativos com criações e expressões verbais e não verbais (desenhos) das próprias crianças?*

Os objetivos do estudo foram: explorar as formas pelas quais as histórias, mais especialmente os contos de fadas, contribuem para que a criança possa se expressar simbolicamente, segundo seu estilo cognitivo-afetivo próprio; compreender os símbolos apresentados nas histórias, que revelam os sentidos das projeções do sujeito sobre os heróis e outras personagens, ou seja, associações que poderiam revelar as identidades, dificuldades e capacidades do aprendiz, na relação consigo mesmo, com o conhecimento e com o meio em que ele vive e atua.

Em sua trajetória, Thais mostrou-se cada vez mais autoconfiante. Para que isso ocorresse, o contar e escrever histórias e as expressões criativas tiveram uma função significativa. A alta do trabalho psicopedagógico aconteceu, de acordo com a minha percepção e a dela, apesar de considerar a necessidade de que, em algum momento, fosse realizado um trabalho psicoterápico para o maior desenvolvimento psíquico, nesta saída da condição inicial de Cinderela e Bela Adormecida.

Os diálogos com os medos e, através de personagens, a possibilidade de sair do adormecimento e de se revelar com sua beleza e força, tão presentes nas simbologias que se apresentam no conto *Cinderela*, foram muito significativos no trabalho psicopedagógico desenvolvido com Thais.

Muitos outros contos poderiam revelar novos segredos e medos: os contos dos pequenos heróis que se tornam grandes, como o *Pequeno Polegar* ou a história de *João e Maria*, que mostra a esperteza do feminino (Maria), que complementa, com sua sensibilidade e intuição feminina, as ações concretas de João, o herói masculino. Dois lados da psique que se complementam. Duas facetas que podem crescer em Thais em um trabalho com foco no desenvolvimento integral.

Quanto mais a criança se expressar pela arte, maior vivência terá de si mesma, despertando para a conquista da saudável autoestima e desenvolvimento de sua autonomia. O impulso criador é ativado, canalizando temores e medos para a construção de um sujeito emocionalmente mais equilibrado. Amarras parecem se dissolver, permitindo que a personalidade se desenvolva na sua multiplicidade de fatores psíquicos afetivos e cognitivos, além das diversidades das expressões verbais e não-verbais, em que a expressão artística da literatura (contos) e das artes plásticas ocupa um lugar de grande relevância.

Levando em conta a terapêutica psicopedagógica, cabe a reflexão presente na citação abaixo, de Jung, sobre psicoterapia, focalizando a atenção e os cuidados do terapeuta. Associo estas reflexões à escuta e à dinâmica relacional respeitosa e cuidadosa entre psicopedagogo e cliente aprendiz.

*No fundo, psicoterapia é uma relação dialética entre médico e paciente. É um encontro, uma discussão entre dois todos psíquicos, em que conhecimento é usado simplesmente como ferramenta. O objetivo é transformação, não uma transformação pré-determinada, mas, sobretudo, uma mudança indeterminável, cujo único critério é o desaparecimento do "egohood". Nenhum esforço da parte do médico pode forçar essa experiência. O máximo que pode fazer é suavizar o caminho para o paciente e ajudá-lo a obter uma atitude que ofereça o mínimo de resistência à experiência decisiva. (JUNG, apud FAGALI 2000, p.31)*

A realização desse trabalho foi muito importante para mim como psicopedagoga, por ter aprendido muito com Thais. As experiências facilitadas pela mediação dos jogos criativos, da arte de contar, ouvir, criar e escrever contos e das expressões plásticas, complementadas com as associações verbais, possibilitaram avanços significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo da aprendiz.

## Referências

- ALVES, R. **A pipa e a flor**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- BONAVENTURA, J. **O que conta o conto**. São Paulo: Paulus, 1992.
- BERRY, J. **Estou com medo**. São Paulo: Caramelo, 2000.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia- arteterapia e educação**. São Paulo: Summus, 2004.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FAGALI, E. Contribuições da arteterapia para a psicopedagogia. In: **Cadernos Interação-Integração**. São Paulo: editora independente, 2000.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Múltiplas faces do aprender: Novos paradigmas da pós modernidade**. São Paulo: Unidas, 2000.
- \_\_\_\_\_. Diagnóstico psicopedagógico. In: **Caderno Interação-Integração**. São Paulo: editora independente Interação, 2007<sup>a</sup>.
- \_\_\_\_\_. O enfoque clínico-terapêutico psicopedagógico. In: **Caderno Interação-Integração**. São Paulo: editora independente Interação, 2007b.
- \_\_\_\_\_. Contribuições da arteterapia para a psicopedagogia. In: **Caderno Interação-Integração**. São Paulo: editora independente Interação. 2007c.
- FRANZ, M. **A interpretação dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**. Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 1995.
- GOLLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GRIMM, J. GRIMM W. **Contos de fada**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Iatatai, 2000.
- JAFFE, A. O simbolismo nas artes plásticas. In: Jung, C.. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

- JUNG, C. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- MORENO, M. **A bela adormecida e a adolescência: Um enfoque Junguiano**. São Paulo: Vetor, 2002.
- PAZ, N. **Mitos e ritos de iniciação nos contos de fada**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- PERRAULT, C. **Cinderela**. São Paulo: Rideel, 2000.
- SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez. 1996.
- STEINER, R. **Os contos de fada**. São Paulo: Antroposófica, 2002.
- WINNICOTT, D. W. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre/Rio Grande do Sul: Artmed, 2007, (p.260 a 271).